



A mulher letrada na França Iluminista: trajetória, sociabilidade e possibilidades

Renata Lopes Marinho de Almeida\*

### **Resumo:**

A França iluminista compreende um momento na história marcado por transformações e discussões que estavam preocupadas, dentre outras coisas, com o indivíduo e seu lugar na sociedade. Seguindo essa premissa, podemos questionar o papel e relevância da mulher na sociedade letrada e como sua produção escrita contribuiu para o meio público. Com base nisso, o presente trabalho tem a proposta de dissertar acerca da concepção de mulher naquela sociedade e se aprofundar em relação ao seu lugar produtivo, pensando como se deu o desenvolvimento da produção escrita feminina durante o século XVIII na França, através do diálogo entre a estrutura social e política do período em concomitância ao trabalho letrado feminino no decurso do movimento iluminista francês.

A história das mulheres, assim como os estudos de gênero carregaram em suas trajetórias, e ainda carregam, a bandeira da reparação e visibilidade, propondo problematizar a marginalização feminina ao longo da História e repensar os fatos históricos pela perspectiva da mulher ou ainda, inserindo esse ator social de forma relevante. A partir dessa concepção desenvolvemos a análise das possibilidades de trajetória e representação feminina numa sociedade que estava começando a pensar esses sujeitos fora do âmbito privado, aceitando sua inserção num ambiente até então, exclusivamente masculino.

Isto posto, nosso trabalho trata-se de uma tentativa de mapear as formas de sociabilidades letradas no Iluminismo Francês – do início do século XVIII até a década de 1770. Tendo como foco principal, investigar a trajetória feminina, através de suas produções e experiências tanto no meio público quanto na esfera privada. Tentando averiguar a possibilidade e disposição de uma escrita e figura feminina letrada na França do setecentos. Ainda, analisaremos as estratégias empregadas por essas mulheres para se inserirem nesse ambiente letrado, tendo a preocupação de descobrir como as relações sociais e intelectuais entre tais mulheres ocorreram, partindo da análise das transformações nas regras sociais, nos costumes e nas demarcações do público e privado.

Para tal, iniciamos nossa investigação pela definição de “mulher” contida na Enciclopédia de Diderot e d’Alembert e por uma breve análise da representação feminina no Iluminismo, além de desenvolver algumas reflexões acerca da sociedade iluminista e suas regras sociais e de convívio. Assim, através de autores como Georges Benrekassa,

---

\* Mestranda em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio); Pós-graduanda em Gênero, sexualidade e direitos humanos pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP – Fiocruz).



Pierre-Yves Beaurepaire, Elisabeth Badinter e outros, pretendemos pensar a sociedade iluminista pelo viés de seus indivíduos, atentando aos grupos postos à margem das análises mais tradicionais, com o intuito de compreender como tais atores contribuíram para o movimento e construção do pensamento das Luzes.

## Texto Completo

*Escrever é também não falar. É calar-se. É gritar sem fazer ruído.*  
Marguerite Duras

A mulher no século XVIII ainda estava começando a ser pensada fora do âmbito privado. Sua relevância para a sociedade pertencente ainda não estava dado, principalmente pela representação feminina que se tinha na época. Poucas mulheres, naquele momento, romperam com fronteiras do seu sexo e se colocaram no meio público através de sua educação, sociabilidade e intelecto. Produzindo, inclusive, material singular para a construção do pensamento iluminista em voga.

Isto posto, o presente trabalho consiste em estudar formas de sociabilidades letradas no Iluminismo Francês<sup>1</sup> – do início do século XVIII até a década de 1770. Tendo como foco investigar a trajetória feminina, através de suas produções e experiências tanto no meio público quanto na esfera privada. Tentando averiguar a possibilidade e disposição de uma escrita e figura feminina letrada na França do setecentos. Ainda, analisaremos, brevemente, as estratégias empregadas por essas mulheres para se inserirem nesse ambiente letrado, tendo a preocupação de descobrir como as relações sociais e intelectuais entre elas ocorreram, partindo da análise das transformações nas regras sociais e nos costumes pelo espectro das demarcações do público e privado.

Através de um levantamento prévio foi possível constatar que existiram significativo número de mulheres – respeitando o limite temporal selecionado –

---

<sup>1</sup> O Iluminismo Francês se orienta pelo viés da sociocrítica e dirige suas críticas, principalmente, à igreja, instituições repressivas e ainda, à burguesia, além de cumprir o papel de autocrítico de seus personagens. Seu principal objetivo é disponibilizar e divulgar conhecimento útil, o qual para os filósofos iluministas seria o caminho capaz de possibilitar a transformação social, política e econômica da sociedade e do indivíduo. Ou seja, ele abre espaço para a produção de questionamentos acerca do papel do homem no mundo e repensa a estrutura da sociedade. BEAUREPAIRE, Pierre-Yves. *L'Europe des Lumières*. Paris: Puf, 2004.



ativamente participante do ambiente letrado, fosse através dos salões de conversa, ou mesmo como integrantes da academia francesa. Assim, com base na leitura superficial de suas atribuições, percebemos que a produção escrita seja no campo da política, sociedade, artes, cotidiano e gêneros literários distintos e outros, o campo do conhecimento iluminista se torna mais vasto e heterogêneo do que costumeiramente nos permitimos pensar. A produção escrita feminina no século XVIII não apenas é significativa em termos de quantidade, como também no que se refere a qualidade das obras.

No entanto, no mesmo levantamento nos é dado que a trajetória individual de uma mulher, contribui para definir sua trajetória e respeito no meio letrado. Ou seja, seu comportamento também é um fator definidor de sua imagem pública. Por exemplo, uma mulher casada e que tivesse a companhia de seu marido nas suas aparições pública e seu consentimento e apoio no seu papel de letrada, era recebida diferentemente de uma mulher que não era casada, ou que possuía abertamente muitos amantes. O comportamento social no que tange a representação de uma imagem polida, recatada e tradicional, importava bem mais no caso feminino do que masculino.

Dessa maneira, se torna curioso, no mínimo, investigar a partir das publicações femininas, a dinâmica que elas experimentavam nos salões, assim como as possíveis contribuições sociais e culturais que – de alguma forma – tenham proporcionado à divulgação e consolidação dos valores e diretrizes propagadas pelo movimento das luzes. Também nos compele tentar averiguar como as interações que elas tiveram, tanto com alguns filósofos e pensadores, como Voltaire<sup>2</sup>, Montesquieu<sup>3</sup> e Rousseau<sup>4</sup>, quanto com outras mulheres pertencentes ao mesmo núcleo participativo pode ter influenciado sua escrita e olhar de mundo e de si.

---

<sup>2</sup>François Marie Arouet, mais conhecido como Voltaire (21 de Novembro de 1694 - 30 de Maio de 1778) escritor, ensaísta e filósofo. Foi um símbolo do Iluminismo Francês.

<sup>3</sup>Charles-Louis de Secondat, barão de La Brède de Montesquieu, mais conhecido como Montesquieu (18 de Janeiro de 1689 - 10 de Fevereiro de 1755), foi um escritor, político e filósofo francês.

<sup>4</sup>Jean-Jacques Rousseau (28 de Junho de 1712 – 2 de Julho de 1778) foi um importante escritor, compositor, filósofo e teórico político.



O termo *mulher de letras*<sup>5</sup>, cunhado pela historiadora Elisabeth Badinter, com a leitura prévia do capítulo escrito por Roger Chartier em *O homem do Iluminismo*<sup>6</sup>, nos permite refletir sobre esse ambiente letrado francês e as possíveis fronteiras que os sexos – assim como o grupo social pertencente, dentre outros fatores – encontraram no convívio comum. A sociedade de letras se diz democrática, e coloca como fator chave o conhecimento, mas é obvio observar que havia certo desconforto por parte das mulheres quando da sua inserção prática nesse meio tão masculino, da mesma forma que vemos o despreparo desses intelectuais em problematizar liberdades e possibilidades realmente iguais a qualquer indivíduo.

Brevemente, a categoria *homens de letras* surge de um verbete da Enciclopédia de Diderot, escrito por Voltaire e intitulado *homme*<sup>7</sup>. Seria um tipo de homem completo e, caracterizado como um devido indivíduo do sexo masculino letrado precisaria cumprir para com alguns critérios básicos: ele deveria ser um enciclopedista, ou seja, não lhe seria suficiente ser apenas erudito, dominando profundamente uma determinada disciplina. Ele deveria possuir conhecimentos em todas as áreas do saber, ser versado em diversas habilidades e representar o melhor modelo de homem.

Seguindo essa mesma premissa, o título *mulher de letras* exigiria de sua possuidora desenvoltura com a escrita, não se prendendo a um gênero literário apenas. Mas também, que a mesma fosse uma verdadeira erudita, entendesse as ciências e possuísse a habilidade da oratória, dentre outras. Entretanto, não há essa delimitação clara do lugar feminino no letramento. Pensando pela própria lógica da Enciclopédia, em seus 35 volumes e 71.818 artigos não encontraram mulheres na posição de autoras, inclusive

---

<sup>5</sup> Elisabeth Badinter no segundo volume de seu livro *As paixões Intelectuais*, categoriza quatro grandes estruturas para dividir a atuação feminina no Iluminismo, Mulheres de Letras, Mulheres Eruditas, Mulheres das ciências e filósofas, contudo as duas últimas são as que encontram maior resistência na aceitação por parte dos homens. Eles acreditavam que a mulher saberia falar sobre sentimentos, definir o que era de bom gosto no trato da casa, vestimentas e artes em geral, entretanto quanto aos assuntos científicos ou que exigissem profunda capacidade de raciocínio político e teórico, elas não estariam preparadas, não por uma questão de capacidade, mas sim porque não cabia à mulher haver nascido para isso, sendo, portanto, uma questão de constituição física.

<sup>6</sup> CHARTIER, Roger. O homem de letras. In *O homem do Iluminismo*. VOVELLE, Michel. Lisboa, Editora Presença, 1997.

<sup>7</sup> VOLTAIRE. Letrados (filosofia e literatura). In: *Enciclopédia, ou Dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios. Volume 2: O sistema dos conhecimentos*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.



para escrever o capítulo sobre a mulher *Femme (Droit nat.)*<sup>8</sup>, *Femme (Morale)*<sup>9</sup> ou *Femme (Anthropologie)*<sup>10</sup>, quando são convidados autores homens mesmo havendo mulheres notáveis que poderiam compor o quadro e produzir uma escrita própria. Segundo Badinter, por mais que algumas mulheres se destacassem no cenário letrado francês e inclusive influenciassem filósofos homens, tendo a chance de serem ouvidas e consideradas, ainda existia certo distanciamento entre suas capacidades e credibilidade no meio letrado.

Darnton acredita que a *Enciclopédia* materializou o Iluminismo, pois através de suas publicações ela conseguiu tornar mais sólido a ideia de difusão e propagação do conhecimento, rompendo com o método religioso para produzir ideias pautadas na razão. Ainda, ela promoveu uma interação do meio e mercado editorial, estruturando tal negócio, ou seja, agora, claramente existia um contratante, um editor, autores e um público, além de funções manuais para a impressão do produto. A enciclopédia definia papéis.

Mas até mesmo a Enciclopédia não democratizava o conhecimento, o custo era alto e nada acessível às camadas mais baixas da sociedade. O livro naquele momento era um bem de consumo que representava status e poder, ele mais servia para ficar exposto do que realmente para ser lido. Por mais que ela representasse em seu cerne as ideias iluministas, muitos de seus compradores estavam interessados em mostrar o poder aquisitivo que possuíam. E não em adquirir conhecimento e compreender suas informações.

*A aquisição de livros pode servir apenas como um indicador aproximado dos gostos e valores do público leitor, podendo mesmo parecer descabido falar em 'consumo' de livros. Mas a compra de um livro é um ato significativo, se considerada em termos culturais e econômicos. Ela*

---

<sup>8</sup> Autor: Jaucourt. Disponível em <http://artflsrv02.uchicago.edu/cgi-bin/philologic/getobject.pl?c.5:684:1.encyclopedie0513> acesso em 15/10/2015.

<sup>9</sup> Autor: Desmahis. Disponível em <http://artflsrv02.uchicago.edu/cgi-bin/philologic/getobject.pl?c.5:684:2.encyclopedie0513> acesso em 15/10/2015.

<sup>10</sup> Autor: Barthez/Barthès. Disponível em <http://artflsrv02.uchicago.edu/cgi-bin/philologic/getobject.pl?c.5:684.encyclopedie0513> Acesso em 15/10/2015.



*fornece uma indicação da disseminação das ideias além da intelectualidade, à qual geralmente se limita a história intelectual.*<sup>11</sup>

Por isso Darnton afirma que a *Enciclopédia* não penetrou na base da sociedade, segundo o autor ela somente circulou pelas camadas médias e, principalmente, superiores da sociedade. Essa difusão também representa a estratégia iluminista, conforme acreditava Voltaire e D’Alambert, o Iluminismo precisava partir de cima, progressivamente se infiltrando através dos salões e das academias parisienses, em seguida pelas cidades menores, mas não era pensado extra seus pares, grupos com importante poder aquisitivo ou intelectual.

No verbete – escrito por um homem – o conceito “mulher” é apresentado em seu aspecto mais amplo. Mesmo com a existência de mulheres letradas, as quais contavam com significativa participação na República das Letras, o artigo que lhes cabia, fora desperdiçado através da perpetuação da visão masculina sobre elas. O que se justifica através da reflexão realizada pela autora Elizabeth Badinter em seu livro *As paixões intelectuais, v. 2: Exigência de dignidade 1751 – 1762* sobre as mudanças ocorridas no século XVIII, onde mesmo com a existência da participação e reconhecimento feminino no meio público e letrado, é inegável a existência de certos limites para a época.

É a partir do século XVII que a perspectiva das possibilidades feminina começa a se expandir, sobretudo por conta dos Salões. A participação feminina inicia de maneira despreziosa, envolvendo-se nas discussões sobre artes, letras, lazeres, costumes ou apenas acompanhando seus respectivos maridos, estando na condição de ouvintes. Aos poucos, essa inserção começa a galgar objetivos mais ambiciosos, projetando-se no universo da literatura, ciências e até da política, buscando cada vez mais se efetivar nesse ambiente letrado.

Reunindo-as, nesse momento, numa categoria homogênea sem analisar por enquanto suas particularidades, podemos indagar acerca de qual seria então o diferencial delas. Badinter<sup>12</sup> irá chamar de ambição. Em nossa compreensão atual associamos essa

---

<sup>11</sup> DARNTON, Robert. *O iluminismo como negócio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 404.

<sup>12</sup> BADINTER, Elisabeth. *Émilie, Émilie: A ambição feminina no século XVIII*. São Paulo: Discurso Editorial: Duma Dueto: Paz e Terra, 2003. Introdução.



palavra a algo ruim e desmedido e podemos defini-la como “obstinação intensa para conseguir determinado propósito, vontade de alcançar sucesso, aspiração, pretensão”<sup>13</sup>.

Por mais que sejamos capazes de aceita-la para os dois sexos, o que no século XVIII ainda não era possível, tendemos a interpretá-la diferentemente e de acordo com os mesmos. O homem ambicioso é poderoso, importante e admirado por batalhar em busca daquilo que deseja. A mulher ambiciosa habitualmente costuma receber atributos comportamentais masculinos e de forma pejorativa, ela é implacável, mas ao mesmo tempo arrogante e difícil de lidar, como se o homem fosse um tipo de ambicioso comedido enquanto a mulher permanece com o atributo histérico.

Badinter então irá definir a ambição feminina como uma vontade de ir além do que se espera de uma mulher, o que comumente lhe custa bastante. A autora ainda acrescenta que no século XVIII essa ambição feminina irá dialogar obrigatoriamente com o ofício da escrita, pois as mulheres eruditas estavam preocupadas com o reconhecimento de suas capacidades e talentos. Não que elas possam ser comparadas as revolucionárias ou as feministas que vieram após elas, mas ali já demarca o início de algo, o surgimento de algum tipo de preocupação e consciência que será colhido nos séculos seguintes e que já vinha sendo maturado.

Ainda acerca da categoria de *mulheres de Letras* podemos observar que as mulheres escritoras de peças, textos literários, poemas e cartas, ou seja, de assuntos voltados para as artes, costumes e cotidiano, eram de fato mais aceitas no meio letrado do que as aventureiras no campo da ciência e assuntos políticos e filosóficos. Todavia, suas produções são consideravelmente encontradas em menor quantidade que de homens. Essa importância do gênero feminino por muito tempo foi negligenciada pela historiografia e somente com a proposta de dar voz aos vencidos e de contar a história daqueles que permaneceram às margens que documentos e indivíduos começaram a ser retirados da “obscuridade”.

É fundamental reconhecer as mulheres eram formadas conforme as influências masculinas e produziam suas obras literárias e seus discursos intelectuais muitas vezes também sob a ótica masculina. Essa base de cunho masculino se dava não apenas no

---

<sup>13</sup> Retirado do dicionário de português online. <https://www.dicio.com.br/ambicao/>. Acessado em 10/11/2016.



sentido de onde advinha o conhecimento recebido, mas também por conta de todo o ambiente que estava inserida, ou seja, de todas as influências e exemplos que elas experimentavam ao longo de suas trajetórias individuais. Dessa maneira, a produção intelectual feminina, de alguma forma, representa o pensamento acerca do lugar e dos desafios dessas mulheres para garantir os meios de se sociabilizar e de se fazer ouvir em meio aos seus “pares” de letras.

Entretanto, precisamos considerar algumas prerrogativas teóricas do próprio movimento. O Iluminismo não pode ser definido apenas como um período histórico, nos designa uma clarificação conhecida como *esclarecimento*. Kant ensaia sua resposta à pergunta “O que é esclarecimento?”:

*O Esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a falta dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. Sapere aude! Tem coragem de fazer uso do teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento.<sup>14</sup>*

Kant qualifica a menoridade como capaz de tornar o indivíduo incapaz de orientar seus atos através da razão, assim esse indivíduo é dependente de outro para ser conduzido, não possui autonomia. Dessa maneira, o conhecimento teria a função de “libertar” o homem, no caso, libertar a mente humana para que pudesse enxergar o mundo de forma racional, fincada na ideia de elucidação. Essa menoridade está diretamente ligada a uma postura cômoda, ela retira do indivíduo a responsabilidade por suas escolhas e atos. Ou seja, ele acompanha as modificações sociais, através de uma doutrinação, é guiado através de manuais e intervenções a seguir um modelo de comportamento e pensamento, não promovendo mudança significativa através de suas próprias reflexões.

Ainda analisando o fragmento, a culpa da menoridade pertence ao homem quando o mesmo não rompe com seus vícios comuns, com a falta de coragem em sair do seu estado confortável e cômodo de não precisar se movimentar, se reinventar através do

---

<sup>14</sup>KANT, Immanuel. *Qu'est-ce que lès Lumières?* Paris: Hatier, 2012.



conhecimento. Daí o grito para ousar saber, onde o homem rompe com sua inércia e parte rumo ao esclarecimento, deixando para trás sua covardia e submissão ao outro.

Georges Benrekassa<sup>15</sup> descreve a França iluminista como o berço de uma nova constituição de mundo, regida por um conhecimento baseado na razão. Dessa maneira, o Iluminismo viabiliza redes comunicativas de ideias, através dos salões, publicações, teatro, etc. As quais foram tornando-se cada vez mais frequentes ao longo da consolidação do movimento. Diante disso, a vida intelectual no século XVIII fora sendo aperfeiçoada conforme os debates acerca da economia, política e filosofia se consolidavam.

Esse ambiente de efervescência, onde a política, monarquia, religião e papéis sociais estão sendo constantemente questionados e repensados, assim como os indivíduos iniciam um movimento de valorizar a participação consciente e efetiva não somente nos debates citados acima, mas nas engrenagens físicas da sociedade, conduz rupturas sociais e de comportamento que não poderiam mais ser revogadas. Conforme no livro *Le monde de Lumières* e *La France des Lumières*, o Iluminismo proporcionou à França uma “saída da escuridão”, mudando as regras sociais e transformando uma burguesia alienada e passiva num organismo crítico e participativo.

Segundo Pierre-Yves Beaurepaire<sup>16</sup>, a França não somente se modificou em sua estrutura, como também, no que tange a mentalidade de sua sociedade. Ela experimentou uma transformação que não permitia retorno à Idade Antiga e que a preparava cada vez mais para ser um país preocupado com a difusão de ideias e conhecimento. Assim, é possível dizer que o Século das Luzes<sup>17</sup> garantiu ao Estado francês a construção de objetivos e ideais que até hoje permeiam o mundo.

É impreterível considerar ainda, elementos externos à obra observada. Preocupa-se em desmiuçar a historicidade do autor contida em sua narração e mais, em estudar o próprio autor enquanto intelectual mesmo não se aprofundando nas produções daquele sujeito. Ou seja, há importância em reconstruir tanto o indivíduo enquanto sujeito problematizador de seu tempo ou articulador de ideias, sendo identificado através de

---

<sup>15</sup>BENREKASSA, Georges. France. In: FERRONE, Vincenzo; ROCHE, Daniel. *Le monde des Lumières*. Paris: Fayard, 1999.

<sup>16</sup> BEAUREPAIRE, Pierre-Yves. *La France des Lumières*. Paris: Belin, 2014.

<sup>17</sup> Denominação dada para citar o período iluminista, também chamado de Século Iluminista e Ilustração. FORTES, Luiz R. Salinas. *O iluminismo e os Reis filósofos*. São Paulo: Brasiliense, 2004.



questões extra e intra sua existência. Quanto, a obra enquanto produto de seu conhecimento, suas complexas relações com o contexto e inclusive, com o próprio autor.

As análises históricas acerca das obras de intelectuais quaisquer, revelam bem mais do que as premissas de um estilo literário específico. Elas discutem as redes de sociabilidades em que seus respectivos autores estavam inseridos, mapeiam suas trajetórias individuais e inclusive, intelectuais, e ainda, revelam o olhar que cada autor tem do seu objeto e sociedade. Daí a relevância em estudar o indivíduo por seu texto, traçando um caminho da indução.

A produção impressa de um indivíduo funciona como um relato de seu tempo, da mesma maneira em que revela sua existência e percepções de si, pois desde a escolha da temática, inclinações linguísticas e produto final, há a liberdade e questões do autor. Optar pelo estudo de uma obra literária é não poder desconsiderar que ela surgiu de algum lugar, foi escrita por alguém que teve uma intenção específica – mesmo que no ato da interpretação outros sentidos e mensagens possam surgir.

O que contribui significativamente para a compreensão de como o conhecimento é construído e como ele se relaciona com as áreas, épocas, motivações e prioridades da história. Uma vez que define a preferência por determinados temas e linhas em detrimentos de outras, silenciando aquilo que é caracterizado como dispensável à escrita da história. Mesmo com a ressalva de “dar voz” aos silenciados e fazer uma história dos “pequenos”, dos “esquecidos”, ainda assim lidamos com escolhas, não é possível contemplar a todos, então de alguma forma escolhemos quem serão esses novos escolhidos.

A grande contribuição nessa perspectiva de análise consiste em ofertar ao campo da história intelectual a premissa feminina como objeto de estudo, não apenas projetando as implicações das relações de poder ou as intervenções de concepção biológica. Mas sim, analisando as contribuições que suas produções ofereceram ao meio social, político e cultural em que estavam inseridos. Sendo capaz de apresentar uma produção intelectual feminina, ainda que não falasse apenas a mulheres e que tivesse influencia no gênero masculino.

É importante ressaltar que compreendemos a produção erudita no Iluminismo francês como algo que surge numa individualidade de pensamento, mas tem seu desenvolvimento e consolidação através do compartilhamento de ideias e experiências,



ou seja, as formulações dos saberes e ideais iluministas além de serem públicos, são também coletivos e participativos, contudo restritos a uma parcela da sociedade que se reserva a responsabilidade de pensar acerca dessas questões, mesmo que sem refletir sobre a praticidade desse conhecimento.

Assim, a grande questão acerca da nossa reflexão teórica sobre o Iluminismo segue o debate realizado por Robert Darnton<sup>18</sup>, no que diz respeito à definição de um movimento preocupado em criar uma estrutura de difusão de ideias e conhecimentos impressos e lucrativos para os seus envolvidos. Não buscamos “romantizar” a Ilustração defendendo que seus expoentes acreditavam numa sociedade por igual esclarecida. Podemos observar essa reserva nos próprios textos, onde nos deparamos com uma escrita rebuscada e sem grandes pretensões em alcançar a sociedade como um todo. Voltaire, por exemplo, não previu que os camponeses aprenderiam a ler<sup>19</sup>, assim como não conseguiam enxergar a mulher, como um todo, enquanto um ator ativo no processo<sup>20</sup>.

Colocando em perspectiva os limites de atuação feminina, havia significativa discrepância quanto sua função. É preciso reconhecer que enquanto em alguns salões as mulheres não podiam sequer falar ou adentrar, já em outros o limite se colocava na atuação, elas não tinham a liberdade de liderar debates ou ler um texto autoral. Mas também havia o controle na temática de sua fala, geralmente assuntos envolvendo política, economia ou ciência não poderiam ser debatidos por mulheres, ou simplesmente não lhes levavam em consideração, tudo isso influencia diretamente o lugar de fala desse grupo.

Entretanto, muitas mulheres são conhecidas na história como anfitriãs, ou *salonnière*, de salões. Talvez o mais famoso entre o círculo erudito em Paris, tenha sido o salão de Madame de Rambouillet<sup>21</sup>, onde acolhia inúmeros letrados homens e mulheres

---

<sup>18</sup> DARNTON, Robert. *O iluminismo como negócio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

<sup>19</sup> DARNTON, Robert. *Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

<sup>20</sup> GASPAR, Adília Maia. *A representação das mulheres no discurso dos filósofos: Hume, Rousseau, Kant e Condorcet*. Rio de Janeiro: Uapê: SEAF, 2009.

<sup>21</sup> Catarina de Vivonne, Marquesa de Rambouillet (1588-1665) é conhecida como a mais importante anfitriã do século XVII, seu salão era realizado no hotel de Rambouillet, propriedade de sua família. MAZENOD,



do período. A proposta do salão seguia o sentido de sua palavra *Salon*, a qual tem o mesmo significado que em português e representa um encontro a ser realizado numa sala (ou salão) entendido como um cômodo privado, contudo para receber pessoas externas ao núcleo familiar.

A proposta por definir uma palavra específica denominando o tipo de encontro surgiu na França no século XVII com o intuito de constituir um termo que pudesse demarcar qualquer iniciativa daquela espécie, pois até então se nomeava esses encontros de acordo com o cômodo em que o mesmo ocorresse não havendo univocidade. Assim, os *Salons* serviam como espaço de compartilhar ideias de forma construtiva, afinal eram longos debates que lapidavam as propostas, muitas vezes criando algo mais elaborado a partir de várias falas e aperfeiçoando homens e mulheres na arte da conversação.

No âmbito dos salões, as regras comportamentais eram primordiais entre os participantes, qualidades como ser despretensioso e humilde era obrigatório para se manter conforme as normas. Não era cabível uma pessoa fazer a outra se sentir inadequada e para tal, contava-se com o respeito mútuo e a capacidade de cortesia em todos os momentos da reunião. Outro fator interessante está no tom de voz, o qual não podia ser elevado, não importando a tensão do debate e também não era bem visto interromper o orador durante sua exposição.

Cabia ao anfitrião – ou anfitriã – moderar os debates, controlando todos os participantes para que sigam as normas de comportamento e não perdessem o controle faltando com educação. Além disso, era igualmente responsabilidade organizar fisicamente o local do encontro, deixando-o aconchegante e confortável para a reunião e, encontrar maneiras de despertar o interesse pelo debate, garantindo um espaço propício a propagação do conhecimento. Permitindo assim, que os salões sirvam como espaços de exercício de poderes femininos de sociabilidade e também sejam conhecidos como lugar democrático de erudição.

---

Lucienne; SCHOELLER, Ghislaine. *Dictionnaire des femmes célèbres*. Paris: Robert Laffont, 1992, p.714-715.



Os salões serviam à mulher, especificamente, como um ambiente de formação, tanto de uma opinião e noção de seu tempo quanto de aprendizado e instrução. Afinal, naquele período as poucas mulheres que tinham acesso ao estudo, o faziam através de professores particulares e muitas vezes somente até o casamento. Mesmo as mulheres que não se enquadram na categoria de letradas, objeto da presente pesquisa, podiam ser encontradas nesse ambiente acompanhando seus maridos. O que de alguma forma, contribuiu para sua educação, inclusive crítica.

Elizabeth Badinter<sup>22</sup> explica que mesmo com a valorização da exposição do conhecimento no século XVII, isso ainda não era bem visto no caso das mulheres, cabia a elas a discrição e o anonimato, por isso não é comum encontrar vastas publicações assinadas por mulheres no período. Ao longo do século XVIII, esse cenário começa a ser transformado e é possível encontrar cada vez mais uma literatura marginal feminina, assinadas em peças teatrais, além do significativo aumento na escrita de cartas, e mais, a presença constante em rodas de debates e no meio público letrado.

Conforme Michelle Perrot<sup>23</sup> nos aponta, o Iluminismo reconfigura os espaços públicos e privados, criando novas regras para delimitá-los. Agora, cabe ao público zelar pelas boas maneiras e ações interpretadas como eruditas e de *bom gosto*, ainda que no âmbito privado aquele mesmo indivíduo apresente ações ou até mesmo pensamentos, conflituosos com suas práticas comuns. Esse *bom gosto* geralmente era definido pelas mulheres, tanto no sentido da estética e moda, quanto da literatura.

Assim, Perrot irá nos mostrar que existe um paradoxo em relação à vida pública e privada na França iluminista, ao mesmo tempo em que são heterogêneas e bem separadas, passam nesse momento por transformações que fazem com que algumas de suas barreiras sejam desmanteladas. A individualidade do Rei está cada vez mais exposta, casas são abertas para reuniões formais ou não, revelando a dinâmica das famílias, seus bens e posses e, as pessoas estão se mostrando, seja através da literatura e das artes ou simplesmente se permitindo ter voz e ideias, mesmo que ainda não seja totalizante. Trata-

---

<sup>22</sup> BADINTER, Elisabeth. *As paixões intelectuais, v. 2: Exigência de dignidade 1751 – 1762*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, capítulo VI.

<sup>23</sup> PERROT, Michelle. Introdução. In: ARIÈS, Philippe. DUBBY, Georges. *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra Volume 4*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.



se da construção de uma nova forma de existir em sociedade, a qual será concebida gradativamente ao longo dos anos.

A sociedade de corte, marcada aqui do século XVI ao XVIII, empenhou-se em perceber o invisível, a partir daquilo que era possível ver, ou seja, tentar identificar os gestos, comportamento social, vocabulário utilizado nas diferentes conexões relacionais, etiqueta à mesa, cumprimentos, e tudo o mais que fosse capaz de desenhar o cotidiano e a forma como os indivíduos interagem com ele. Sendo primordial olhar o todo, na tentativa de identificar o oculto, em busca de significados e normas.

Em parte, isso ocorre pela inconsistência em que as esferas pública e privada no Iluminismo estão imergidas. No entanto, essas esferas não se definem apenas no ambiente físico, compreendido nas mudanças estruturais que a organização social começou a experimentar. Destarte, a própria razão, pois é de considerar que como faculdade humana ela sempre estará associada à ideia de liberdade, assim ela também precisa ser problematizada no âmbito público e privado.

As delimitações entre o que era do âmbito público ou privado dos indivíduos estava se reconfigurando. Inclusive, a noção teórica do que deveria ser considerada como público e privado. Por exemplo a produção intelectual, o papel do autor, a apropriação de difusão do conhecimento, assim como o lugar e papel social dos indivíduos e os costumes. O Iluminismo coloca em perspectiva não apenas as pessoas, mas também a sua relação direta com o mundo que está a sua volta.

Isso se dá, de certa forma, por conta das sociabilidades que os indivíduos estão experimentando, agora, com maior dinâmica e intensidade por conta das novas reconfigurações dos espaços. Nesse momento já começa a ser pensado acerca das influências que as pessoas estão constantemente trocando entre si e a forma como essa experiência pública contribui na definição do indivíduo. Não obstante, o impacto que cada uma dessas interferências sofridas pode causar nos indivíduos, assim como quais as transformações que ele próprio pode proporcionar ao ambiente externo a si.

A mulher e o homem no espaço público não são iguais, não estão equilibrados na balança de poder. Mas também há duas outras verdades a serem colocadas em debate, a primeira de que não se sabe mais com exatidão quem pertence a qual espaço, antes a



mulher cuidava do funcionamento do lar e o homem de prover as possibilidades desse lar se manter íntegro. E a segunda que havia um homem público que desempenhava um importante papel e era seguramente reconhecido e respeitado, mas agora a mulher também pode ser pública, mas não se sabe certamente quais os limites dessa atuação e nem seus frutos. Uma mulher pública era sempre algo ruim, profano, vergonhoso, mas uma mulher publicamente erudita desperta interesse.

A dissimetria na definição de público para a mulher e o homem, apenas reforça o interesse desse estudo pelas inadequações da história, pelo desequilíbrio das narrativas. Como uma tentativa de enxergar que os protagonismos são singulares de sujeitos específicos e isso gera tensões que precisam ser exploradas e investigadas, para que assim a história consiga “desencaixar”, essa é a palavra exata, ou seja assumir que os acontecimentos não seguem uma linha perpendicular e contínua, mas é feita de fios emaranhados que tentamos desmanchar um a um.

Deste modo, a pesquisa pretende repensar o Iluminismo a partir da lógica do indivíduo, problematizando a figura feminina letrada através do estudo de sua trajetória – tanto individual quanto intelectual – e sociabilidade para com seus “pares” e sociedade, com o intuito de compreender seu lugar de fala e relevância social e intelectual, observando essas mulheres enquanto variável significativa para alcançar uma nova perspectiva de análise do movimento iluminista, capaz de complementar a análise atual. Tendo consciência das limitações que o período oferece e propor uma crítica e reflexão acerca dos motivos pelos quais a historiografia perpetuou com a invalidação desses sujeitos nesse recorte.

Por meio da prerrogativa da mulher como ator da história, entendemos como crucial para uma compreensão mais justa e completa, considerar as atividades, diferenças, trajetórias, educação e sociabilidades como uma maneira de (re)descobrir a experiência dessas mulheres no passado, e com base numa análise crítica de suas produções, poder preencher lacunas deixadas pela historiografia do Iluminismo no que tange a observação desse gênero em específico. Conforme dito por Louise Tilly “o estudo dos vencidos nos



permite compreender melhor os vencedores, compreender porque e como eles venceram”<sup>24</sup>.

Sob o pilar da representação da mulher no século XVIII nos cabe concluir que por mais que suas possibilidades estivessem constantemente ameaçadas ou à sombra de estruturas não criadas ou dominadas por elas. Algo em sua criação, algo no ambiente em que foram condicionadas e criadas as fazia se transpor aos limites políticos e sociais constantemente impostos. Dessa maneira, a trajetória, assim como a sociabilidade, na verdade são componentes de uma engrenagem psíquica e social na formação do ser humano no papel de ambiente formador de identidade.

Assim, analisar a subjetividade humana, ou no caso do trabalho, a construção da figura feminina perpassa os lugares de construção dessa imagem e mais, os lugares de construção dessa identidade feminina que ao mesmo tempo é individual, ou seja, é de sua subjetividade. E também coletiva, pois está condicionada aos fatores externos de si, depende da sociedade em que está inserida e das influências recebidas ao longo de sua vida.

## **Bibliografia**

---

<sup>24</sup> TILLY, Louise A. Gênero, história das mulheres e história social. *Cadernos Pagu*, n. 3: Desacordos, desamores e diferenças. p. 62, 1994.



BADINTER, Elisabeth. *As paixões intelectuais, v. 1: Desejo de glória 1735 – 1751*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

\_\_\_\_\_ *As paixões intelectuais, v. 2: Exigência de dignidade 1751 – 1762*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

\_\_\_\_\_ *As paixões intelectuais, v. 3: Vontade de poder 1762 – 1778*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

\_\_\_\_\_ *Émilie, Émilie: A ambição feminina no século XVIII*. São Paulo: Discurso Editorial: Duma Dueto: Paz e Terra, 2003.

BEAUREPAIRE, Pierre-Yves. *La France des Lumières*. Paris: Belin, 2014.

\_\_\_\_\_ *L'Europe des Lumières*. Paris: Puf, 2004.

CROIX, Alain; QUÉNIART, Jean. *Histoire Culturelle de la France v.2: De la Renaissance à l'aube des Lumières*. Paris: Points, 1997.

DARNTON, Robert. *Poesia e Polícia: Redes de comunicação na Paris do século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

\_\_\_\_\_ *Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DAVIS, Natalie Z. "Women's History" in transition: The European Case. In: *Feminist Studies*, nº 3, 1976.

DUARTE, Constância Lima; PAIVA, Kelen Benfenatti. A mulher de letras: nos rastros de uma história. *Ipotesi, Juiz de Fora*, v. 13, n. 2, p. 11 - 19, jul./dez. 2009.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das Mulheres: do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: edições Afrontamento, 1994.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador, volume 1: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

\_\_\_\_\_ *A sociedade de corte*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

FERRONE, Vincenzo; ROCHE, Daniel. *Le monde des Lumières*. Paris: Fayard, 1999.

GASPAR, Adília. *A representação das mulheres no discurso dos filósofos: Hume, Rousseau, Kant e Condorcet*. Rio de Janeiro: Uapê: SEAF, 2009.



HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HÉRITIER, Françoise; PERROT, Michelle; AGACINSKI, Sylviane; BACHARAN, Nicole. *La plus belle histoire des femmes*. Paris: Points, 2011.

KAHLMAYER-MERTENS, Roberto S. *Dos usos público e privado da razão Segundo Immanuel Kant*. In: *Passages de Paris* 7, 2012, 223-231.

SCOTT, Joan. *História das Mulheres*. In: BURKE, P. (org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 63-96.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

STRATHERN, Marilyn. *O gênero dádiva*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

SOIHET, Rachel. *Enfoques feministas e a História: desafios e perspectivas*. In: SAMARA, E. M.; SOIHT, R.; MATOS, M. I. S. de (org.). *Gênero em Debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: Educ, 1997, p. 55-82.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti, OLIVEIRA, Claudia de; ROUCHOU, Joelle; VELLOSO, Monica Pimenta (org.) *Criações Compartilhadas: artes, literatura e ciências sociais*. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2015.

TILLY, Louise A. *Gênero, história das mulheres e história social*. *Cadernos Pagu*, n. 3: *Desacordos, desamores e diferenças*. p. 29-62, 1994.